



OS CONTOS DE FADAS E SUA RELAÇÃO COM OS CONTEÚDOS PSÍQUICOS UNIVERSAIS E PARTICULARES: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS

CASSIA VIRGINIA MOREIRA DE ALCANTARA

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

RESUMO

Neste artigo analisamos duas questões que consideramos primordiais na orientação pedagógica e psicopedagógica para professores e outros profissionais que trabalham com os contos clássicos. A primeira diz respeito à necessidade de conhecimento em relação aos conteúdos psíquicos que podem emergir quando as crianças escutam e estão envolvidas num trabalho com contos clássicos. A segunda chama a atenção para a importância destes conhecimentos visando intervenções seguras que garantam ao profissional um correto manejo das situações que podem advir de um trabalho desta natureza. Para tanto, foram abertas duas frentes de trabalho: a primeira concretiza-se a partir de uma sucinta revisão de literatura abordando os principais aspectos dos conteúdos inconscientes que podem emergir a partir do trabalho com contos de fadas. A segunda, relata uma intervenção e os cuidados tomados para garantir os objetivos iniciais especificados durante o planejamento da atividade.

Palavras-chave: Contos Clássicos. Inconsciente Coletivo. Inconsciente Individual.

ABSTRACT

In this article we analyze two issues that we consider crucial in pedagogical and psycho-pedagogical guidance for teachers and other professionals who work with the classic tales. The first concerns the need for knowledge regarding the psychic contents that can emerge when children hear and are involved in work with classic tales. The second draws attention to the importance of this knowledge in order to ensure safe interventions to professional a correct management of situations that can arise from a job of this nature. Therefore, we opened two fronts: the first comes true from a brief literature review covering the major aspects of the unconscious contents that can emerge from the work with fairy tales. The second, reports an intervention and care taken to ensure the initial objectives specified in the planning of the activity.

Palavras-chave: Classic tales. Collective Unconscious. Single unconscious.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas fazem parte da história da humanidade. Estão presentes em diversas culturas e revelam um padrão que, embora tenha sofrido alterações, perpetua-se no que diz respeito ao elemento nuclear. Nestas histórias, o medo do desconhecido, as relações entre mães e filhos, as questões que envolvem o feminino e a sexualidade, e tantos outros temas, são recorrentes e tratados com um certo paralelismo, de forma que se tomarmos para análise os contos mais antigos e compararmos aos mais atuais encontraremos semelhanças no que diz respeito à trama principal. Franz (1990, p. 15) afirma que

Na antiguidade, Apuleio, um escritor e filósofo do século 2 d.C., escreveu sua famosa novela *O asno de ouro*, um conto de fada chamado *Amor e Psyque*, uma história do tipo *A bela e a fera*. Este conto tem o mesmo padrão daqueles que se podem ainda encontrar, hoje em dia, na Noruega, Suécia, Rússia e muitos outros países. Consequentemente, pode-se ao menos concluir que este tipo de conto de fada (da mulher que redime seu amado da forma animal) existe praticamente inalterado há 2.000 anos. Mas temos uma informação ainda mais antiga, porque os contos de fadas também foram encontrados nas colunas e papiros egípcios, sendo um dos mais famosos os dos dois irmãos, Anubis e Bata. Ele se desenvolve de modo paralelo a todos os contos sobre “dois irmãos” que se pode coletar nos países europeus.

Então, nos perguntaríamos, porque estes temas reaparecem em tempos e lugares diferentes e são tratados de maneira semelhante, sendo que, ao mesmo tempo, encontramos em sua trama uma certa reinvenção da temática?

Para responder tal questionamento recorreremos aos próprios contos. Se utilizarmos para esta análise, por exemplo, a trama literária de *O Patinho Feio*, veremos que é o tema do desamparo infantil que está em discussão neste conto. Segundo o casal de psicanalistas, Mario Corso e Diana Corso (2006, p. 32) há neste conto[1] algo que nos mostra “que não é fácil chegar ao mundo [...] e o desamparo ameaça-nos por um bom tempo”.

Também em *Cachinhos Dourados* a temática do desamparo se apresenta, pois, segundo Corso e Corso (2006, p. 32) “*Cachinhos Dourados* se desencontra com os objetos da casa dos ursos, dos quais esperaria obter algum bem-estar. [...] Na família urso, *Cachinhos* enfrenta impasses que são os de qualquer criança quando aquilo que deveria ser tão adequado a ela deixa de ser seu número”. Ou seja, tal como acontece em *O Patinho Feio*, *Cachinhos Dourados* vive uma experiência de desamparo.

O que teria feito com que estes dois contos escritos em lugares e épocas diferentes se aproximassem tanto em relação à temática que exploram? A partir de dados coletados e que constam na Wikipedia sabemos que a história de *Cachinhos Dourados* foi escrita pela primeira vez em 1837 pelo autor e poeta inglês Robert Southey mas, em 1831, Eleanor Mure já havia escrito um livreto sobre três ursos e, portanto, mais uma vez, voltamos a questão da origem dos contos se encontrar na tradição oral, que ao ser apropriada por estes autores revela algumas particularidades mas segue respeitando a trama nuclear.

Mas, o que se torna intrigante nesta aproximação temática é buscarmos entender, como, na tradição cultural, aparecem esses elementos que deram origem aos contos citados e suas diversas versões? Como se origina o eixo temático do desamparo? De onde viria a inspiração para a criação e o surgimento de tais histórias?

Em *O Patinho Feio*, cuja autoria é atribuída a Hans Christian Andersen a primeira publicação data de 1843. Alguns autores que estudam contos afirmam que Andersen, teria se inspirado em sua própria história de vida para criar o conto. O “*Patinho Feio*” é considerado o conto mais autobiográfico de suas obras. Como disse um de seus biógrafos, Jens Andersen (2005, tradução nossa), “[...] mais que qualquer outro conto antes contado, este seria sobre ele.” Não tanto pelo fato dele também não possuir atributos estéticos como o patinho feio, mas porque tal sucesso, coincidentemente, só veio com o lançamento deste conto, já adulto, aos 38 anos de idade, chamando a atenção de todos para o grande escritor de contos de fada, romances, e até mesmo de livros de viagem que ele era. Andersen pode até ter sido rejeitado pela Grande Mãe da vida, por conta de sua infância difícil e pobre, mas não por seus pais. (VAZ; RODRIGUEZ, 2008, p. 1).

Nesse sentido podemos indicar uma primeira linha argumentativa para iniciarmos a produção de respostas aos questionamentos feitos até aqui. O universal (que se repete e que faz parte do patrimônio cultural que a humanidade vem produzindo) encontra-se com o particular em sua própria origem, e, no que diz respeito à forma como a temática do desamparo foi abordada em *O Patinho Feio*, encontramos o registro biográfico de um autor que remete a uma relação com a sua própria história individual. No caso do conto de Andersen, há uma história de vida pessoal a sustentar a trama literária. Há uma ferida narcísica vivenciada, de fato, por Andersen, que origina toda a construção do conto.

Diante de todos estes elementos podemos iniciar o caminho de breves conclusões em torno do argumento seguinte: há uma “repetição criativa” nos que diz respeito à trama literária dos contos. Eles se nutrem de temas recorrentes, mas se alteram em função de questões culturais e/ou individuais.

Mas o que há de relevante, nestes questionamentos e no argumento conclusivo acerca desta característica dos contos de fadas em relação às questões da repetição/transformação, até aqui abordadas neste artigo? Pretendemos, a partir deste paralelo entre o universal e o particular, e suas formas de manifestação especificamente neste tipo de expressão literária, discutir o conceito de Inconsciente Coletivo e Inconsciente Individual.

Para nos guiarmos nesta aventura faremos como João e Maria, vamos deixar alguns sinalizadores de forma que

possamos encontrar o caminho de volta. No contexto desta investigação, nosso maior sinalizador será uma tese que não é em si mesma original visto que tem sido objeto de discussão entre vários autores, abordando pontos de vistas diferenciados. Ela afirma que o psiquismo humano se constitui a partir de um arcabouço universal e, ao mesmo tempo, contempla um particularismo que faz com que cada um seja milagrosamente inédito. Essa universalidade e unicidade são os elementos que tomamos aqui para explicar a repetição/transformação dos contos pois acreditamos que a sua matéria prima provém tanto de um Inconsciente Coletivo quanto de formas de expressão particulares e únicas, que chamamos de Inconsciente Individual.

O fato de que provem de um Inconsciente Coletivo já vem sendo defendido por vários autores seguidores de Carl Jung. E, neste aspecto, nosso texto não apresenta nenhuma novidade ao traçar esta relação pois como afirma Franz, os

Contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. [...]. Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa. Nesta forma pura, as imagens arquetípicas fornecem-nos as melhores pistas para compreensão dos processos que se passam na psique coletiva. (FRANZ, 2008, p. 9).

O conceito de Inconsciente Coletivo, formulado por Jung e, responsável pela dissolução de sua parceria teórica com Freud, tornou-se a pedra de toque de seu sistema teórico. Jung, ao abordar a psique humana, partiu, assim como Freud, de um conceito inovador. O conceito de inconsciente. O inconsciente para Freud e Jung consiste numa porção da psique que abriga conteúdos recalcados e, por isso, desconhecidos pela consciência. Porém, Jung complementou o conceito freudiano afirmando que esse material inconsciente se constitui não somente a partir das experiências vividas por cada indivíduo, mas também através de um acúmulo de experiências que a humanidade produziu até hoje. Torna-se assim, um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. Neste caso, o sentimento de desamparo, retratado no conto O Patinho Feio, faz parte deste inconsciente coletivo pois consiste num sentimento que se re-apresenta para cada ser humano quando este chega ao mundo.

À camada mais profunda da psique humana [Jung] deu o nome de “inconsciente coletivo” e concebeu o seu conteúdo como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes, chamadas “arquétipos” e “instintos”. Em sua concepção, nada existe de individual ou único nos seres humanos nesse nível. Todos temos os mesmos arquétipos e instintos. Quanto à individualidade, tem que ser procurada em outras áreas da personalidade. A verdadeira individualidade, argumentou em *Tipos Psicológicos* e em *Estudos Sobre Psicologia Analítica*, é o produto de uma luta pessoal pelo desenvolvimento e aquisição da consciência a que deu o nome de processo de individuação [...]. (STEIN, 2006, p.p 83-84).

Com esta citação de Stein (2006), entendemos que fica claro como os contos são compostos por esses conteúdos universais produzidos pela humanidade e, portanto, podemos compreender a sua repetição. Porém, para compreendermos como se dá a sua transformação criativa precisamos nos deter mais sobre a hipótese de que há um material inédito e particular que se apresenta nas versões diferenciadas dos contos que conhecemos, e que também nos remete às diferentes sensações que fazem emergir em seus leitores, e, particularmente, é este aspecto que queremos também enfatizar ao abordar o tema neste trabalho.

Entendemos que o grande fascínio que os contos nos causam explica-se justamente por esse impacto que cada um de nós vivencia ao tocar e ser tocado por conteúdos que compõem o inconsciente coletivo mas também entendemos que as especificidades do inconsciente pessoal podem emergir quando o leitor se depara com um conto que lhe toca particularmente porque lhe remete às questões que Jung denominou de individuação. Deste ponto de vista afirmamos que a leitura de um conto é uma atividade literária mas, a depender do seu conteúdo, do tema que aborda e do que vivencia o sujeito que o lê, este conteúdo faz emergir outros, estes inconscientes, provenientes da alma. Portanto, o poder dos contos reside justamente neste aspecto. Para ilustrar empiricamente este argumento vamos relatar, uma situação vivenciada numa intervenção psicopedagógica, pois entendemos que, a partir dela se produzirá uma compreensão mais clara do que estamos defendendo aqui em termos de inconsciente pessoal.

1 ANÁLISE DE UM CASO A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA UTILIZANDO COMO RECURSO O CONTO “O PATINHO FEIO”

Ao final desta discussão teórica apresentamos uma intervenção psicopedagógica utilizando como recurso a literatura infantil através da qual se fez a sensibilização que tornou possível a discussão do caso abaixo relatado.

Nossa intenção ao relatar esta atividade, desenvolvida numa escola da rede privada, é imprimir o empirismo necessário à defesa de nosso argumento principal neste trabalho: os contos são constituídos de material que provém tanto do inconsciente coletivo quanto do inconsciente pessoal. Sendo também o seu efeito na psique avaliado a partir destes dois prismas: em função de uma provocação que toma como ponto de partida os materiais do inconsciente coletivo, desperta-se conteúdo do inconsciente pessoal.

De início, queremos deixar claro que a atividade foi proposta visando alcançar um outro objetivo. À época, trabalhando como psicopedagoga desta escola, nos foi solicitado a realização de uma reunião com os pais para debater com os mesmos a temática relacionada à importância de seu acompanhamento e presença na vida escolar dos filhos.

Procurando fugir do lugar comum e imaginando uma forma de sensibilizá-los profundamente escolhemos uma técnica que pudesse fazê-los enxergar, de fato, a situação da criança ao chegar no mundo sem condições para se manter sozinha, e o quanto esse desamparo inicial faz com que ela realmente necessite dos pais para que se sinta acolhida. Além disso, era também nosso interesse mostrar como esse desamparo pode retornar em situações que se assemelham e relacionam-se, de forma indireta, com o desafio de sobreviver, exemplificando como a ida à escola pela primeira vez pode significar uma vivência destes sentimentos que retornam e vem à tona quando do ingresso neste novo ambiente e, portanto, que este momento da vida de uma criança precisa ser acompanhado de perto por seus pais pois leva a criança a re-tomar, a dor da separação, o arquétipo de desamparo.

Sabendo que a temática é retratada nos contos decidimos realizar com as crianças uma contação e depois solicitar o desenho de sua família visto que imaginávamos que estes conteúdos iriam emergir depois de terem ouvido a história sobre uma família de patinhos e em especial, sobre o sofrimento daquele patinho que não conseguia encontrar um lugar para ele no mundo. Partíamos da hipótese de que este é o sentimento que se re-apresenta para a criança neste momento de sua vida escolar e por isso seriam tocadas pelo conto e produziram em seus desenhos aquilo que utilizaríamos depois para tocar seus pais levando-os a se darem conta da importância de sua presença e acompanhamento dos filhos neste momento tão especial de suas vidas.

Posteriormente, e tomando como referência os breves relatos das crianças sobre o que desenharam, os desenhos foram alvo de nossa análise e fonte de apoio para nossas discussões na reunião com os pais.

Sendo assim, como já sabíamos, os relatos dos desenhos tornar-se-iam nosso material para tocar os pais. Mas, no transcorrer das atividades nos deparamos com algo inesperado. Jamais esperaríamos, um relato tão profundo como o que lhes apresentamos agora. Dentre as crianças que participaram da vivência, uma do sexo masculino que, à época, tinha aproximadamente 03 anos, desenhou, como toda criança desta faixa etária, apenas alguns rabiscos. Mas relatou o seguinte: “Aqui é a mamãe com os cabelos doido azul. A mamãe é doida. Aqui é o papai trabalhando”. Como a criança não desenhou a si mesma perguntamos: e você? E ele respondeu: “Eu fiquei no lago. Mas aqui na escola eu ainda não morri não”. Claro que ele se referia à cena em que o patinho fica no lago que congela durante o inverno. Uma alusão explícita à tentativa de suicídio do patinho que já cansado por não encontrar um lugar desiste de viver e fica no lago, congelando até ser resgatado por um homem que passou por ali.

O relato nos causou tamanho impacto que procuramos a mãe logo após a reunião. Mas, visando preservá-la, não revelamos o que foi dito pela criança. Apenas investigamos, através de uma conversa informal, se havia indícios de comportamento depressivo na criança ou manifestações que viessem a justificar um possível encaminhamento para atendimento psicológico. No entanto, durante a conversa não foi possível avançarmos em relação à análise dos reais motivos que haviam levado aquela criança a se manifestar daquela maneira. Como sabemos, não nos cabe antecipar os fatos. Se, na fala daquela mãe não havia demanda suficiente para atribuímos um sentido ao relato da criança, não poderíamos ir adiante. Por isso, decidimos apenas orientar a mãe em relação aos aspectos que já haviam sido discutidos durante a reunião procurando mostrar-lhe a necessidade de acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de seu filho e de estar atenta às necessidades que possivelmente ele estaria revelando através de suas ações e sentimentos expressos.

Aproximadamente um ano se passou depois deste encontro quando esta mãe nos procurou buscando orientações sobre como lidar com o tema de morte e suicídio que se encontrava cada vez mais recorrente no discurso e nos atos de seu filho que então tinha aproximadamente quatro anos e havia cortado a tela de proteção da varanda do prédio onde moravam pois dizia ser seu desejo morrer.

Foi apenas neste encontro que vimos o grau de profundidade e verdade daquele relato de desenho feito há um ano atrás pela criança. Fragilizada e assustada com o comportamento de seu filho, nesta ocasião, neste segundo encontro, a mãe pode relatar o drama que aquela família havia vivenciado, quando questionamos como o tema da morte poderia ter se tornado objeto pulsional daquela criança de apenas quatro anos.

Na oportunidade ela nos contou que ele não tinha conhecimento do que ela iria revelar para mim, e, contou-nos que ela já estava vivenciando um segundo casamento e que o primeiro havia sido desfeito em função de um forte trauma

vivenciado pelo casal quando perderam a filha afogada no lago localizado no sítio da família. Contou que foram duas mortes, a de sua filhinha e outra criança. Que todos os cuidados haviam sido tomados para que a residência fosse segura, mas, um dia, ultrapassando as barreiras, as duas crianças conseguiram acessar o lago e um tempo depois foram encontradas mortas. Contou o quanto a perda desta filha a atormentava ainda na atualidade e como depois da separação e de ter reconstruído sua vida com o atual companheiro desejou ter novamente uma filha, mas, havia vindo um menino.

Após esta conversa compreendemos o sentimento daquele menino que viera para substituir a garotinha que tinha se afogado no lago (segundo o desejo de sua mãe). Entendemos porque, naquele relato de seu desenho, a criança havia nos dito com tamanha precisão que ele havia ficado no lago, representando simbolicamente, através de um sintoma – o desejo de morrer – um não-dito que compunha sua história pessoal. Uma tentativa vã de realizar o desejo impossível que lhe foi projetado pelo inconsciente materno. Entendemos que o aspecto universal, representando o desamparo da humanidade, está presente no conto, e, foi este o fio, que fez a conexão entre o lago gelado no qual o patinho havia desejado morrer, por não encontrar um lugar para si no mundo, com sua própria história pessoal de não encontrar na economia do desejo materno um lugar. Por isso, estava preso àquele lago no qual sua irmã havia sido encontrada morta. Por isso expressava-se sintomaticamente através do desejo de morrer.

Constatamos que determinados não-ditos bloqueiam a articulação do significante, e em seu lugar preconizam uma única versão como a verdade, que não se apresenta como um significante mas como um significado que sintetiza o ser da criança. Esta, na impossibilidade de articular seus saberes, expressa-os no sintoma, seja alterando sua possibilidade de conhecer e aprender, seja transformando em atos, aspectos do não-dito. (ROSA, 2000, p. 3).

Foi esta situação que nos impactou sobremaneira a ponto de nos levar a refletir acerca da profundidade com que um conto pode nos atingir. Entendemos que a partir deste relato, encontramos um misto daquela universalidade que os autores defendem estar presente nos contos e que faz parte da trama que se repete, tema discutido no início deste trabalho. Como foi discutido, o tema do desamparo infantil é universal e nos toca a todos, seres humanos, fazendo despertar em nós a sombra deste momento de dor. Por isso atribuímos relevância a todo material coletivo que os contos contêm, porque claramente trazem em suas produções os sentimentos comuns vivenciados pela humanidade. Mas, entendemos que apesar de haver uma base humana a partir da qual tais sentimentos florescem e isso está presente neste conto, é preciso também considerar o que eles provocam na experiência particular de cada sujeito. Na experiência daquela criança o lago era um lago real, em cujo lugar residia o seu desejo de morte por não poder substituir quem já havia morrido. Como nos foi dito em sala de aula pela professora Ana Suely, durante o segundo encontro de formação de arteterapeutas realizado na Profint, “todo filho tem que trair seus pais. E trai quando o pai projeta a persona e ele tem que dizer – isso não é meu, estou lhe devolvendo! Neste caso, a criança ainda pequena não encontrou forças para devolver à mãe o desejo que esta tinha de reencontrar a filha morta, projetado naquele menino e que passou a compor sua persona. Como afirma Franz (2008, p. 31)

parece-me que as histórias arquetípicas se originam, frequentemente, nas experiências individuais através da irrupção de algum conteúdo inconsciente, que podem surgir em sonhos ou em alucinações em estado de vigília. [...]. Algum evento ou alguma alucinação coletiva acontece, e então, o conteúdo arquetípico irrompe na vida de um indivíduo.

No relato desta criança o material arquetípico emergiu a partir da contação da história O Patinho Feio que contém um conteúdo comum a toda a humanidade, o tema do desamparo, refletindo aí o Inconsciente Coletivo. Mas ao emergir utilizando esse conteúdo universal manifestou-se dentro da particularidade de sua vida pessoal. Assim, também acontece quando os contos são recontados e entendemos que é em razão disto que ocorrem as mudanças em sua trama literária, mantendo-se, no entanto, o tema central.

Ainda citando Franz (2008, p. 31) sabemos que “tais invasões do inconsciente coletivo no campo de experiências de um único indivíduo, provavelmente, de tempo em tempo, criam novos núcleos de histórias e mantêm vivos os materiais já existentes”, e é nesse sentido que defendemos a tese da repetição/ transformação dos contos.

Além disso, é preciso frisar também o quanto esta persona foi se corporificando no campo da consciência desta criança de quatro anos, a ponto de passar a tomar a ideia de morte, como uma meta a se manifestar em sua realidade cotidiana, inclusive, dirigindo suas ações, como na tentativa de suicídio ao cortar a rede de proteção da varanda de seu apartamento. Portanto ao se desenhar no lago, ele trouxe à tona, um aspecto do seu inconsciente, “o psíquico desconhecido”. E, portanto, apesar da fixação em torno da ideia de morte ter se tornado um ato do ego, proveniente de um estado de consciência, conferindo a sua conduta um direcionamento, não podemos deixar de compreendê-lo como

decorrente dos estímulos psíquicos internos que influenciam o ego.

Chamamos atenção ainda para o fato de que esta criança, com três anos, estava iniciando um processo através do qual deveria denominar-se EU. É em torno de dois anos de idade que isso ocorre, e o fato de não encontrar referências para se situar num lugar próprio de constituir seu Self desenhou-se “no lago” como nos disse, ressaltando o fato de que “na escola ainda não tinha morrido não”. Porque na escola ele encontrava referências para se constituir como um sujeito vivo. Neste caso, o ego que deveria temer a morte do corpo, estava identificado com a morte como única forma de manifestar-se em função do desejo da mãe de reencontrar nele aquela criança morta. Como afirma Stein (2006, p. 39) “em termos gerais, é o conteúdo do inconsciente que reduz o livre-arbítrio do ego”.

Para finalizar, queremos chamar a atenção dos profissionais de educação e da área psi de quão profunda pode vir a se tornar uma simples atividade de contação, e, de como devemos estar atentos, ao que pode emergir quando trabalhamos com a literatura infantil, em especial, com os contos clássicos. Claro que sabemos os limites da utilização deste material de trabalho em cada campo, mas, sabemos também que o inesperado pode vir a acontecer e que devemos estar preparados minimamente para saber lidar com ele, e, pelo menos, procedermos aos encaminhamentos necessários e pertinentes.

Referências:

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ROSA, Miriam Debieux. **O não-dito como operador na clínica com crianças e adolescentes**. Palestra realizada na mesa Alienação e separação: impasses e possibilidades de intervenção, no Seminário de Extensão Universitária Psicanálise e Linguagem: impasses na constituição do sujeito, na PUC de São Paulo, em 1999. Aborda tema desenvolvido no livro *Histórias que não se contam: o não-dito na psicanálise com crianças e adolescentes*; São Paulo: Ed. Cabral, 2000. Disponível em < http://egp.dreamhosters.com/textos/o_nao_dito.shtml>. Acesso em 02 jul 2015.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VAZ, Wagner de Menezes; RODRIGUEZ, Rafael. **As feridas do Patinho Feio**. Uma visão Junguiana do conto de Hans Christian Andersen. Disponível em < <http://www.rubedo.psc.br/08outrub/patifeio.html>>. Acesso em 22 de out de 2014.

VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fada**. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

[1] O conto O Patinho Feio é considerado por Mario Corso e Diana Corso como um conto de fadas e, neste artigo, adotamos este ponto de vista: “Não há fadas nesses primeiros contos [O Patinho Feio e Cachinhos Dourados] de que nos ocupamos, aliás, há inclusive quem diga que sequer sejam contos de fadas, já que lhes faltam os elementos mágicos em sua forma tradicional. Bettelheim lhes nega essa característica, porque não há a luta do herói, vencendo as provações e encaminhando-se para a resolução de um conflito, itens que ele considera imprescindíveis para essa classificação. Quanto a nós, acreditamos que o simples fato de haver uma família de ursos morando numa casinha numa floresta, que dorme em camas, senta em cadeiras e come na tigela é o bastante para situar o leitor num território mágico. Se contarmos ainda com uma pata preocupada com a imagem pública da sua prole e com uma série de animais falantes no caminho de um angustiado patinho, temos doses de fantástico suficiente para reivindicar a essas histórias algum lugar no mundo mágico, senão enquanto contos de fadas, pelo menos na categoria de contos maravilhosos.

[1] Pedagoga, Psicopedagoga e Psicanalista. Doutoranda em Educação pelo PPGED/UFS/SE. Atualmente cursando Especialização em Arteterapia na PROFINT/SE, com Chancela da Faculdade Baiana de Medicina. E-mail: cassia.alcantara@uol.com.br.

Recebido em: 02/07/2015

Aprovado em: 03/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: